

O ALUMÍNIO NAS VACINAS

O alumínio está presente em algumas vacinas como adjuvante na forma de hidróxido, fosfato ou hidroxifosfato de alumínio. O adjuvante é acrescentado às vacinas para aumentar a resposta de imunização e certas vacinas precisam dele para garantir a sua eficiência.

As vacinas que contêm um adjuvante são basicamente aquelas contra difteria, tétano, coqueluche e hepatites A e B. Observou-se que, sozinhas, essas vacinas não eram suficientemente eficientes e os compostos de alumínio são adjuvantes comumente utilizados para essa finalidade.

As únicas reações conhecidas que possam ser eventualmente atribuídas ao alumínio contido nas vacinas são reações inflamatórias localizadas.

Na França, as biópsias do músculo deltóide, local comum de vacinação, revelaram poucos casos de inflamação significativa dos macrófagos com necrose associada, chamados de MMF (Miofasciite Macrofágica). Foi constatado que tais lesões localizadas continham sais de alumínio. As biópsias foram realizadas principalmente em pacientes que se queixavam de dores musculares, mas não no local da injeção, e a MMF só foi encontrada em um pequeno número de biópsias. Por esse motivo não foi estabelecida nenhuma ligação entre a dor muscular e a pequena lesão localizada do tipo MMF.

A quantidade de alumínio presente na vacina varia entre 0,3 mg e 1,5 mg por dose. Considerando os diferentes tipos de vacina e a quantidade de repetições (doses de reforço), a dose máxima que uma pessoa recebe em toda a sua vida seria de 15 mg. Esse valor é praticamente idêntico ao da ingestão oral normal de dois dias.

O alumínio injetado por vias subcutâneas e intramusculares se dissolve gradualmente e entra na corrente sanguínea. Em seguida, é eliminado pela urina, como acontece com o alumínio captado do sistema gastrointestinal.

A avaliação da segurança das vacinas é importante, principalmente porque a substituição de um adjuvante exige uma investigação completa das alternativas antes da liberação das vacinas.

Qualquer remoção por motivo de segurança afetaria gravemente a imunogenicidade e os efeitos protetores das vacinas usadas atualmente e ameaçaria os programas de vacinação em todo o mundo.

A OMS iniciou uma ampla consulta sobre a questão em 1999, ajudada pelo GACVS (Comitê Consultivo Global sobre Segurança das Vacinas).

Por recomendação da OMS, foi iniciado um estudo para estabelecer se existe ou não uma associação entre as lesões locais do tipo MMF e qualquer doença generalizada. O estudo está em andamento. A evidência mais recente (novembro de 2002) retirada desse estudo sugere que não há motivo para se concluir que a administração de vacinas contendo alumínio possa significar um risco para a saúde ou que a prática atual de vacinação precise ser modificada.

Na França, a ANAES (Agência Nacional de Credenciamento e Avaliação em Saúde) e o INSERM (Instituto Nacional de Saúde e Pesquisa Médica) avaliaram em conjunto os possíveis efeitos secundários do uso de vacinas contendo compostos de alumínio em adultos e crianças. Suas conclusões foram publicadas em um ensaio de setembro de 2003: “A MMF é uma lesão histológica recentemente descrita em adultos e cuja ocorrência, até agora, foi relatada exclusivamente na França. Em uma série de casos, foi assumido que existe uma ligação entre a lesão e a vacina contendo hidróxido de alumínio. No momento, não existe nenhuma evidência epidemiológica que confirme qualquer relação entre a vacina e as doenças que poderiam ser atribuídas às lesões descobertas. É necessário enfatizar que o adjuvante em questão vem sendo amplamente utilizado há décadas em diversas vacinas”.

Referências:

AFSSAPS – Avis - Conseil Scientifique Séance du 5 Mai 2004.

ANAES – INSERM. Réunion de consensus vaccination contre le virus hépatite B. Recommandations. Septembre 2003.

InVS et GERMMAD - Myofasciite à Macrophages. Investigation Exploratoire. Mars 2001.Rapport.

WHO – Vaccine Safety – Vaccine Safety Advisory Committee. WER. 1999; 74; 337-40.

Académie Nationale de Médecine - Communiqué à propos des dangers des vaccins comportant un sel d'aluminium. 20 Octobre 2010.

Couette M, Boisse MF, Maison P, Brugières P, Cesaro P, Chevalier X, Gherardi RK, Bachoud-Levi, Authier F - Long – term persistence of vaccine-derived aluminium hydroxide is associated with chronic cognitive dysfunction. Journal of Inorganic Biochemistry . 2009 ; 103 ; 1571-78.